

*Artigos livres***Paisagem, Fotografia e História: As transformações ocorridas no Faxinal da Conceição, Rebouças-PR (1960 – 2017)**Fabio Marcelo Andrade Silva - UNICENTRO<sup>1</sup>**Resumo**

A produção tem como finalidade investigar e perceber elementos que sofreram mudanças no ambiente faxinalense do faxinal da Conceição, que se encontra desagregado desde o final da década de 1980. Como fonte, utilizou-se fotografias para evidenciar algumas alterações decorrentes do processo de desestruturação e de desagregação do criador<sup>2</sup>, bem como os efeitos da chegada da tecnologia, que resultou no aparecimento das cercas de arame, na monocultura de soja, feijão e milho. Todos esses fatores provocaram redução da mata nativa.

**Palavras-chave:** Faxinal da Conceição, Fotografia, Paisagem.

**Abstract**

The production aims to investigate and perceive elements that have undergone changes in the faxinal environment of Conceição's faxinal, which has been disaggregated since the end of the 1980's. As a source, photographs were used to highlight some changes resulting from the process of disruption and as well as the effects of the arrival of the technology, resulting in the appearance of the wire fences, the monoculture of soybeans, beans and corn, which caused a reduction of the native forest.

**Keywords:** Faxinal da Conceição, Photography, Landscape.

**Introdução**

Dentro da categoria compreendida como povos tradicionais, estão os faxinalenses, moradores de Faxianis, que por definição, é compreendido como “[...] um modo de vida típico da região sul do Brasil. Predominou em um grande número de municípios, durante mais ou menos um século, tendo surgido no final do século XIX e início do século XX.” (CAMPIGOTO; SOCHODOLAK, 2008, p. 79). Uma das principais características desse modo de vida tradicional é a utilização comunitária das terras, principalmente para a criação de animais, porém não se limitando a isso. Para Schorner, o Faxinal é

[...] um modo de utilização das terras em comum [...], para a criação de animais e que se tem classificado como manifestação cultural pertencente a categoria dos povos tradicionais: forma própria de uso e posse da terra, o aproveitamento ecológico dos recursos naturais - pinhão, guabiobas, araçás, pitangas e jabuticabas -, o cultivo da vida comunitária e a preservação de

<sup>1</sup> Mestrando em História, com concentração em História e Regiões, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO.

<sup>2</sup> No Faxinal da Conceição, o termo mais utilizado pelos moradores para fazer referência ao modo de vida faxinalense era criador, embora em outras comunidades faxinalenses, usem sinônimos próprios como criadouro ou o próprio termo faxinal.

memória comum. Os estudiosos do assunto apontam que o sistema faxinal constitui-se como acontecimento singular por causa de sua forma organizacional. Distingue-se tal sistema dos outros pelo uso coletivo da terra para a criação de animais. O caráter coletivo se expressa na forma de criadouro comum (SCHORNER, 2011, p. 54).

Existem algumas hipóteses entre os estudiosos sobre a origem do sistema Faxinal. Para Nerone:

O Sistema Faxinal, como uma das formas de uso comunal da terra no Brasil, não se constitui como um modelo originalmente brasileiro. Foi decorrente de um arcabouço cultural, transplantado via colonizador, cujas raízes podem ser encontradas na Península Ibérica, notadamente nas Reduções Jesuíticas Espanholas (NERONE, 2000, p. 23).

Já aos olhos de Chang:

A nosso ver a Gênese do Sistema Faxinal derivou de estrutura de subsistência das grandes fazendas, principalmente no que diz respeito à produção animal 'à solta' e ao cercamento das lavouras com cerca de bambu e do pousio da terra. Porém, com a presença da erva mate na região dos faxinais, a estrutura de produção teve que se ajustar às novas condições naturais (CHANG, 1988, p. 24).

Acredita-se que essa forma de vida rural chegou a predominar em cerca de um quinto do território paranaense, no entanto, com o passar dos anos, esse número reduziu-se. Atualmente, apenas alguns municípios possuem Faxinais ativos, sendo Prudentópolis, Irati, Turvo, Pinhão, Rebouças, Rio Azul, Mallet, Inácio Martins, Ponta Grossa, Ipiranga, São Mateus do Sul, Antônio Olinto, Mandirituba e Quitandinha (MARQUES, 2004, p. 10).

É sabido que os Faxinais vêm sofrendo um processo de desarticulação e desagregação nos últimos anos e principalmente a partir da década de 1970 por motivos internos e externos, resultando na perceptível transformação de seu território. Num primeiro momento tem-se uma situação de desarticulação provocada por um conjunto de antagonistas, como os fazendeiros e migrantes do oeste paranaense e do Rio Grande do Sul, que trazem consigo novas formas de utilização da terra. Num segundo momento ocorre a sua desagregação, que é quando as principais características do faxinal desaparecem: as terras de plantar, as terras de criar e as cercas.

Tais mudanças, no município de Rebouças, começaram a ocorrer no final da década de 1970 e início da década de 1980, com a chegada de várias famílias vindas do Rio Grande do Sul, que compraram terras em faxinais devido ao preço acessível e exerceram forte pressão cultural aos que ali moravam. Concomitante a outros fatores, externos e internos, destituiu-se diversos faxinais, sendo um deles, o Faxinal da Conceição.

Referente a esse assunto, Nerone (2000, p. 192) afirma que “A chegada do colono de origem gaúcha causou no município um impacto sócio-cultural, visto que os recém-chegados eram portadores de outra bagagem cultural, bem diversa daquela dos moradores dos faxinais.”

Mais precisamente sobre o objeto dessa pesquisa, o Faxinal da Conceição teve sua desagregação por volta do final da década de 1980. Atualmente, quatro localidades fazem parte do extinto Faxinal da Conceição, são elas: Conceição de Baixo, Conceição de Cima, Rio Bonito e Pantano Preto. Rio Bonito, a localidade mais distante, está aproximadamente a vinte e cinco quilômetros de distância do centro urbano de Rebouças e faz divisa com a localidade de Caitá, já pertencente ao município de São Mateus do Sul, situado a aproximadamente 30 Km de distância da mesma.

Ao analisar um povo tradicional, nesse caso os faxinalenses, é preciso compreender a relação que os mesmos possuem com sua terra, ou seja, com sua identidade. Para Haesbaert (1999) “[...] as identidades são construídas a partir da relação concreta/simbólica e material/imaginária dos grupos sociais com o território”. Nesse sentido, pode-se definir os faxinalenses como portadores de identidades territoriais, já que estas são construídas pelo processo de territorialização, aqui entendido como “[...] as relações de domínio e apropriação do espaço, ou seja, nossas mediações espaciais do poder, poder em sentido amplo, que se estende do mais concreto ao mais simbólico” (CRUZ, 2007, p. 102).

A relação dos faxinalenses com o meio evidencia seu modo de vida tradicional, e este não deve ser compreendido como obsoleto ou como se estivesse “parado no tempo”. No entanto, a entrada de novas tecnologias no Faxinal, nesse momento estudado, é inevitável, e juntamente com elas vem o discurso da modernidade e do progresso trazidos pelos emigrantes gaúchos, no Faxinal da Conceição. Na década de 1980, a tecnologia chegava à Conceição e, incorporada e absorvida pelos moradores, promoveu uma série de transformações.

Feitas tais considerações, vale ressaltar que esse estudo terá por finalidade perceber as mudanças no espaço do criador comunitário da Conceição, por meio da utilização de fotografias dos anos de 1960 a 2017, para que dessa forma haja uma reflexão sobre as transformações ocorridas com a chegada da tecnologia, dos processos resultantes da desestruturação e desagregação do Faxinal e os impactos na paisagem de uma comunidade tradicional.

### **Região e Faxinal**

É sabido que a partir de meados do século XX houve uma ampliação tanto nos objetos de estudo como nas fontes históricas. Dessa forma, novas ferramentas passaram a fazer parte

do ofício do historiador. A história Regional, por exemplo, foi uma dessas novas categorias que problematizadas, propuseram ao historiador um novo campo de estudo.

Albuquerque (2008) reitera a importância do estudo das regiões, as quais precisam ser tratadas como frutos de processos históricos. O historiador deve colocar as regiões em questão, definindo e construindo seus limites e narrando a história que acontece no interior dessas regiões, para que dessa forma haja uma desconstrução de discursos criados através de relações de poder dando voz ao sujeitos que encontram-se muitas vezes invisíveis por discursos regionalistas. Desse modo, a região deve ser tomada como um espaço de luta, de conflitos e táticas cotidianas<sup>3</sup>, que por sua vez revelam identidades que antes eram marginalizadas, como ocorre com o sujeito faxinalense.

Nessa perspectiva, na obra *A invenção do cotidiano*, o pensador francês propõe-se compreender a dinâmica e o antagonismo entre o lugar e o espaço “[...] uma distinção que delimitará um campo” (CERTEAU, 1990, p. 201). Então, discorre que,

Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência... um lugar é, portanto, uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade... O espaço é um cruzamento de móveis... Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais.... Em suma, o espaço é um lugar praticado. (CERTEAU, 1990 p. 201)

Torna-se evidente a compreensão de que o espaço é um lugar de práticas diárias e é a partir dessas práticas que o espaço torna-se um objeto de grande interesse para o estudo da história. Campigoto, Klein e Padilha Galvão (2016, p. 36) sobre a constatação de Certeau e o espaço reiteram que “[...] as referências espaciais, em geral, são úteis em função da localização; mas, quando se trata do emprego na metodologia, o espaço interessará ao historiador [...] por ser lugar em que práticas cotidianas ocorrem.”

Campigoto, Klein e Padilha Galvão ainda completam.

Quando adotamos o horizonte da invenção do cotidiano como totalidade de referência, segue o raciocínio de que o espaço recortado é fração do dia a dia, do vivido, do coloquial e do prosaico. Escrever história é, então, fazer um percurso, um deslocamento entre um ponto e outro, o que implica aceitar a tese de que o espaço é um ‘recinto praticado’; mas advertimos de imediato, que o inverso não se aplicará sem que seja desvirtuada essa proposta porque

<sup>3</sup> Certeau (2008) define dois tipos de comportamento: o estratégico e o tático. O autor empresta esses termos do contexto militar e lhes atribui novos significados, de maneira geral ele descreve as instituições como comportamentos estratégicos (já que são entidades reconhecidas como autoridades) e as pessoas comuns, os sujeitos ordinários como táticas (não possuem “quartel-general” mas se agrupam rapidamente a fim de responder a uma necessidade que surja).

um espaço qualquer não é, necessariamente, lugar praticado. O correto será: um lugar praticado é o espaço, o ambiente que interessa ao historiador. Em suma, o enunciado metodológico indica que, o historiador que adota tal perspectiva se ocupa do espaço em que foi ou está sendo praticado algo. Ou mais claramente: o espaço interessa ao historiador porque nele se praticam coisas e este se configura como lugar histórico porque, ali, são ou foram desenvolvidas certas atividades (CAMPIGOTO; KLEIN; PADILHA GALVÃO, 2016, p. 37).

Sobre Certeau, verifica-se que o autor cria certo protagonismo ao sujeito, quando o coloca como um ser ativo no cotidiano, um ser que possui e desenvolve diariamente (ou sempre que desafiado) as “artes do fazer”, as táticas e as bricolagens, nas próprias palavras do autor:

Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência... um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade... Existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis (CERTEAU, 1998, p. 201).

Torna-se inevitável, ao tratar de Certeau, expor a diferenciação que o autor propõe ao discutir os conceitos de Lugar e Espaço. Com fronteiras delimitadas, estabilidade e a lei de um discurso de poder está o Lugar, enquanto o cruzamento dos móveis, a mobilidade, a invenção, a prática, a ação, a criação de significados e percursos e a comunicação destes definem o Espaço, que por consequência é o objeto de investigação do Historiador que preocupa-se com as questões regionais.

Deve-se compreender que a nomenclatura Espaço só possui tal definição por que é vivenciado, ou seja, um lugar qualquer somente será identificado como espaço a partir do momento em que sujeitos rompam com a estabilidade desse lugar com seus usos próprios. A partir desse momento o lugar modifica-se imediatamente recebendo a condição de lugar praticado ou Espaço. Como exemplo, Certeau cita:

Em suma, o espaço é um lugar praticado. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaços pelos pedestres. Do mesmo modo a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar construído por um sistema de signos – um escrito (CERTEAU, 1998, p. 202).

Feitas tais considerações, pode-se definir, portanto, a Região como uma abrangência composta por lugares em que eventos ocorrem, sejam eles conflituosos ou não. Contudo, o que se deve perceber é que os limites são instáveis, móveis e que cada recorte proposto pelo historiador torna-se o seu espaço.

Ao pensar a Região dos povos tradicionais faxinalenses de Rebouças – PR, é preciso compreender antes que os Faxinais vêm sofrendo um processo de desarticulação e desagregação

nos últimos anos principalmente a partir da década de 1970, tanto por motivos internos como externos, o que por consequência resulta numa transformação de seu território.

É necessário ressaltar que os faxinalenses compreendem a terra de uma maneira própria ao produzirem o seu processo de territorialização e defendem a permanência cultural por compreenderem a terra não apenas como um espaço físico, mas como “[...] uma esfera coletiva de existência através do esforço conjunto de defesa, uso, ocupação, manutenção e identificação com o seu território” (TEIXEIRA, 2001, p. 130).

Portanto, é de suma importância compreender a terra dos povos tradicionais faxinalenses pela ótica de uma razão histórica em detrimento de uma razão instrumental<sup>4</sup> que leva apenas em consideração aspectos políticos e econômicos desse ambiente. Dessa forma, os faxinalenses observam os espaços como uma criação cultural e simbólica, o que irá definir espaço como território.

### **Fotografia e paisagem faxinalense**

Durante muito tempo, afirma Pesavento (2003), a imagem, para os historiadores, serviu apenas como ilustração de um fato ou de um personagem. Somente quando se percebeu que a imagem poderia ser associada à ideia de representação do real é que a história aderiu à mesma e a utilizou como fonte, fazendo uma mediação entre a ideia e mundo real.

No entanto, a partir das transformações ocorridas com a Revolução Industrial, algumas invenções influenciaram diretamente o trabalho do historiador moderno. A invenção da Máquina Fotográfica e a revolução documental da segunda metade do século XX possibilitou ao historiador utilizar a fotografia oficialmente como um documento histórico, tendo elas um grande potencial documental a ser explorado, sempre com o apoio de métodos de pesquisas, para que dessa forma possam ser interpretadas e decifradas a fim de se tornar mais um meio de compreensão do passado humano.

No entanto, sobre a utilização da fotografia na História, Mauad comenta:

[...] entre o sujeito que olha e a imagem que elabora há muito mais que os olhos podem ver. A fotografia - para além da sua gênese automática, ultrapassando a ideia de *analogon* da realidade - é uma elaboração do vivido,

---

<sup>4</sup> Locais em que a razão histórica (forma específica de sociabilidade) contrapõe-se à razão instrumental hegemônica (do Estado), funcionando em um regime coletivo que não se encaixa na dicotomia público/privado. (LITTLE, 2002). O antropólogo Paul E. Little (2002, p.23), a partir da análise da “razão histórica”, indica três elementos que caracterizaram um grupo social como “povo ou comunidade tradicional”: o (1) regime de propriedade comum; o (2) sentido de pertencimento a um lugar específico; e a (3) profundidade histórica da ocupação guardada na memória coletiva. (LITTLE, 2002 *apud* Direito ambiental e socioambientalismo II [Recurso eletrônico on-line] organização CONPEDI/UnB/UCB/IDP/UDF; Coordenadores: Heron José de Santana Gordilho, Livia Gaigher Bosio Campello, Maria Claudia da Silva Antunes De Souza – Florianópolis: CONPEDI, 2016).

o resultado de um ato de investimento de sentido, ou ainda uma leitura do real realizada mediante o recurso a uma série de regras que envolvem, inclusive, o controle de um determinado saber de ordem técnica (MAUAD, 1996, p. 75).

Mauad (1996) atesta que a própria História da fotografia já se confundiu em diversas abordagens e momentos históricos. Por exemplo, a ideia de que a imagem que está na fotografia é a representação pura e simples do real já foi criticada por diversos autores e campos de conhecimento.

É inegável o efeito da fotografia na vida das pessoas, seja a foto de um famoso, do filho, de uma conquista pessoal, seja ela como arte ou simplesmente um registro do qual possa ser lembrado no futuro. Nesse contexto “[...] a fotografia lança ao historiador um desafio: como chegar ao que não foi imediatamente revelado pelo olhar fotográfico? Como ultrapassar a superfície da mensagem fotográfica e, do mesmo modo que Alice nos espelhos ver através da imagem?” (MAUAD, 1996, p. 77).

A análise fotográfica não é uma simples tarefa ao historiador, já que a mesma demanda de uma série de aparatos e de uma abordagem teórico-metodológica, afinal deve-se compreender que “[...] entre o objeto e a sua representação fotográfica interpõe-se uma série de ações convencionadas, tanto cultural como historicamente” (MAUAD, 1996, p. 75), a fotografia nada mais é que uma escolha feita entre tantas outras revelando também uma visão de mundo do fotógrafo.

Sabendo disso, Mauad sobre a fotografia completa.

[...] é o resultado de um jogo de expressão e conteúdo que envolvem, necessariamente, três componentes: o autor, o texto propriamente dito e um leitor. Cada um destes três elementos integra o resultado final, à medida que todo o produto cultural envolve um *locus* de produção e um produtor, que manipula técnicas e detém saberes específicos à sua atividade, um leitor ou destinatário, concebido como um sujeito transindividual cujas respostas estão diretamente ligadas às programações sociais de comportamento do contexto histórico no qual se insere, e por fim um significado aceito socialmente como válido, resultante do trabalho de investimento de sentido. (MAUAD, 1996, p. 81).

Percebe-se assim que o trabalho historiográfico com fontes fotográficas “[...] não se trata apenas de uma visão sobre as fotografias, mas de suas histórias da forma como foram produzidas em tempos diferentes” (LANGARO, 2017, p. 21), já que segundo Mauad (1996, p. 83) “[...] a imagem não fala por si só; é necessário que as perguntas sejam feitas”. E a partir dessas reflexões e materiais fotográficos é possível desvendar e interpretar diferentes espaços nas paisagens faxinalenses.

De acordo com a tradição, os Faxinais possuem como uma de suas principais características as terras de criar, também denominadas por alguns faxinalenses como criador ou criadouro comunitário. Esse espaço é destinado à criação de animais à solta, utilizado comunitariamente. São criadas várias espécies, como equinos, suínos, caprinos, bovinos e ovinos, além de algumas aves que podem se alimentar das pastagens naturais, dos arbustos e das frutas nativas. Nesse mesmo espaço se localizam as habitações dos faxinalenses, majoritariamente formadas por pequenas e médias propriedades. Os moradores do Faxinal também utilizam coletivamente dos recursos naturais do espaço de criador, onde muitas vezes extraem erva-mate, plantas medicinais e outros produtos levando em consideração a peculiaridade de cada Faxinal.

Essa caracterização do espaço faxinalense nos propõe a refletir sobre o conceito de paisagem. Para Fáfero,

As paisagens são moldadas pelas inter-relações dos componentes biofísicos da natureza com as ações humanas. O mosaico de paisagens encontrado em todas as regiões brasileiras é a expressão da diversidade de ambientes naturais associada à sociodiversidade historicamente presente em cada território que as constitui. Desde os primórdios da ocupação, os povos originários foram se estabelecendo nos diferentes ambientes, interagindo com o meio e conformando as paisagens (FÁFERO, 2014, p. 4).

É perceptível, portanto, que a paisagem é resultante de uma produção do espaço, já que a natureza é marcada pelas ações dos homens, que ao longo do tempo empregaram-na seus costumes e hábitos. A relação homem/natureza segundo Langaro (2017, p. 108) “carrega consigo marcas da história”.

A paisagem, interpretada a partir da perspectiva da história, utiliza um elemento transformado pela ação do homem ao longo do tempo, ou seja, a paisagem é pensada dentro da esfera da temporalidade. Para Langaro,

Os recentes desenvolvimentos da história do meio ambiente transformaram o estudo da paisagem. Da síntese regional passou-se para uma interpretação da paisagem como articulação de forças materiais diversas. [...] o estudo da história da transformação do meio ambiente apresenta evidentes similitudes como a École des Annales, em especial com os trabalhos de G. Duby e de F. Braudel, para quem as mudanças da paisagem são explicadas a partir da evolução dos alicerces econômicos da organização social (LANGARO, 2017, p. 110 apud GANDY, 2004, p. 77).

Essa forma de análise considera que a paisagem deve ser interpretada a partir da relação entre a sociedade e a natureza, percebendo as influências de fatores econômicos. No entanto, é necessário lembrar que existem povos que vivem na contramão dos projetos capitalistas



modernizadores que pautados na exploração dos recursos naturais, objetivam cada vez mais o lucro, como os agricultores agroecológicos e os povos faxinalenses.

Dessa forma, há a necessidade de uma nova leitura sobre a paisagem, já que a mesma é percebida pelos povos tradicionais, pelo faxinalense, por exemplo, como parte de suas vidas. Nesse contexto, ela torna-se mais que um produto da transformação cotidiana da relação homem/natureza, mas configura uma relação de extensão do próprio “ser” faxinalense.

Dessa forma, Augustin Berque, sobre o conceito de paisagem concebe:

[...] paisagem como “marca” e “matriz” da relação que uma sociedade estabelece com o espaço e com a natureza. Essa marca possui um sentido implicando toda uma cadeia de processos físicos, mentais e sociais. Tais processos participam dos esquemas de percepção e concepção e de ação, ou seja, da cultura que canalizam em certo sentido, isto é, a paisagem enquanto matriz. Assim, a paisagem é plurimodal (passiva-ativa-potencial) como é plurimodal o sujeito para o qual a paisagem existe: a paisagem e o sujeito são cointegrados em um conjunto unitário, que se autoproduz e autorreproduz e, portanto, transforma-se porque há sempre interferências (AUGUSTIN BERQUE, 2000 apud FLORIANI, 2011, p. 85).

O autor, nessa reflexão, aponta a cultura como a produtora do sentido entre as relações sociais/natureza. Essa leitura permite fazer associação faxinalenses, onde a paisagem pode ser um fruto das relações e das práticas desse povo, ou seja, “[...] trata-se de ler a paisagem para entender as práticas agrícolas (faxinalenses), e vice-versa” (FLORIANI, 2011, p. 83), ou seja, o faxinalense é produto e fruto da própria paisagem.

### **Análise das imagens**

A partir do ponto de vista da interpretação fotográfica, existe a possibilidade de reflexão sobre diversos aspectos, principalmente no que tange as mudanças no ambiente faxinalense. Sabendo disso, abaixo serão apresentadas fotografias referentes à comunidade de Conceição de Cima, sendo algumas do período de existência da área de criador e outras recentes para que a partir da interpretação dessas fontes haja a compreensão de algumas transformações ocorridas ao longo dos anos.

Imagem 01 - Paisagem parcial dentro da área de criador comum da Conceição de Cima (1972)



Fonte: Fotografia cedida por morador da Conceição de Cima ao autor.

Como já discutido, o faxinal compreende-se principalmente pelo uso da terra coletiva para a criação de animais a solta. No criador da Conceição, utilizavam-se do espaço bois, vacas, porcos, carneiros, cabritos, esse último em menor número, e os cavalos que eram utilizados na agricultura e no transporte. No entanto, nem toda a área era destinada para a criação desses animais, os moradores poderiam fazer pequenos cercados em torno de suas residências para impedir a entrada dos animais dentro das casas e para que pudessem fazer seus quintais onde produziam legumes e verduras que compunham a alimentação, além de cultivarem também algumas plantas medicinais utilizadas principalmente em chás.

Ao observar a imagem 01, produzida no ano de 1972, período em que o Faxinal ainda estava ativo, é possível verificar uma cerca que circuncidava a casa de um morador, e ao fundo a área destinada ao criador comum, nela encontra-se um vasto espaço de pastagens e ao fundo uma mata densa com muitas araucárias, característica da paisagem do centro sul do Paraná.

Embora a imagem 01 não contemple os animais do criador, é possível notar o grande espaço que os mesmos possuíam, fato que perdurou até o final da década de 1980 quando o faxinal teve sua desagregação completa, esta causada pela forte pressão cultural, além de outros fatores internos, promovidos pelos emigrantes gaúchos que devido a má situação em que se encontravam em seu estado, migraram pra outras regiões. A cidade de Rebouças recebeu muitos gaúchos e essa chegada, como afirma Nerone (2000), foi responsável por causar no Município um grande impacto sociocultural, pois os gaúchos possuíam uma cultura diferente da qual estavam acostumados os moradores do faxinal. A partir de então, conflitos tornaram-se frequentes nas comunidades faxinalenses, visto que os migrantes não respeitavam os costumes praticados no Faxinal.

Imagem 02 – Enquadramento o mais próximo possível da Imagem 01 na Conceição de Cima



Fonte: Acervo particular de Fabio Marcelo Andrade Silva - 2017

A típica paisagem faxinalense é erradicada da Conceição com o passar dos anos, como é possível verificar na imagem 02, que captura exatamente o mesmo espaço da imagem 1, nela percebe-se muitas cercas, que ao contrario das que existiam no faxinal, não servem para circundar a própria casa, mas demarcam o território particular que passa a ser compreendido como propriedade privada. Nesse espaço são plantados milho, feijão e soja além de pastagens para o gado leiteiro e de corte, que agora vive confinado em pequenos espaços. Nessa imagem também verifica-se alguns elementos que marcam a ideia de “progresso” como a cerca de tijolos e um implemento agrícola.

Imagem 03 – Aguada do criador da Conceição – início da década de 1980



Fonte: Fotografia cedida por morador da Conceição de Cima.

O Faxinal da Conceição também possuía diversas aguadas, ou seja, reservas naturais de água utilizadas pelos animais e também pela população, algumas pra lavar roupas e outra para beber. Na imagem 03 está uma aguada, e também é possível verificar o espaço que também era destinado aos animais. Outro ponto interessante é uma pequena plantação de pinus, embora não fosse algo muito comum, por estar dentro dá área de criador, não era cercada, permitindo o acesso dos animais na plantação, que poderiam inclusive auxiliar na limpeza do local.

Imagem 04 – Aguada e as cercas



Fonte: Acervo particular de Fabio Marcelo Andrade Silva – 2016

Já na imagem 4, está presente a mesma aguada da imagem anterior, no entanto, esse recurso natural passou a ser “privatizado” e sua utilização restrita apenas ao dono do terreno. Quando esse fato passa a ocorrer, o faxinal perde suas características. Assim, se um morador toma posse de um recurso natural, ao priorizar-se, retira esse benefício do restante da população e dos animais.

Outro fator importante observado na imagem é a diminuição da mata nativa, que dá lugar a monocultura. Esses cercamentos individuais, embora comuns no faxinal, mas em proporções menores, passaram a serem maiores com a chegada dos gaúchos, que destinavam esse cercamento à plantação, diminuindo as terras do criador. Com o passar do tempo os cercamentos individuais tornaram-se cada vez maiores e a área comum conseqüentemente menor, até a destruturação do faxinal.

Imagem 05 – As cercas de frechame - 1965



Fonte: Fotografia cedida por morador da Conceição de Cima

Outra característica importante da paisagem faxinalense são as cercas de frechame, de feitura rústica em sua maioria sem a utilização de pregos, apenas troncos encaixados uns nos outros como na imagem 5. Essa característica revela também o cuidado que os faxinalenses deveria ter com as cercas já que elas eram de responsabilidade coletiva e impediam que os animais tivessem acesso às terras de plantar ou às residências.

Imagem 06 – Portão de ferro



Fonte: acervo particular de Fabio Marcelo Andrade Silva - 2017

Com o passar dos anos e a chegada dos gaúchos, a inserção da mecanização agrícola aliada ao discurso da “modernização”, o faxinal da Conceição teve sua paisagem alterada, como pode se verificar na imagem 6. Ali, a antiga cerca de frechame por muitos anos utilizadas pelos

faxinalenses dá lugar a cercas de tela e portões de metal que reafirma a ideia de que o “progresso” chegou àquele lugar.

A realidade dessa localidade está marcada na paisagem, que hoje é caracterizada pela monocultura e propriedades privadas com seus longos metros de cercas. Esta paisagem significou a desestruturação e desagregação do faxinal da Conceição e de um modo de vida tradicional de muitas pessoas.

### **Considerações Finais**

A pesquisa sobre os povos tradicionais, em especial os faxinalenses, revela-se um campo extremamente amplo e de muitas possibilidades. Esses povos, ao longo dos anos, tiveram suas histórias marginalizadas por correntes historiográficas que não alimentavam tais investigações. Já que esses povos não possuem documentação escrita que registrem suas práticas, a fotografia torna-se uma importante ferramenta a fim de dar um panorama da atuação desses povos no passado e no presente.

A utilização da fotografia como fonte e não apenas como uma mera ilustração, permite analisar a paisagem, a qual se revela como o elemento de transformações das práticas e do espaço faxinalense. Dessa forma, foi possível apresentar uma breve discussão sobre a localidade de Conceição de Cima, um faxinal que encontra-se desagregado desde o final da década de 1980.

De maneira geral, as fontes propõe perceber a paisagem faxinalense transformada pela ação do homem, a qual interferiu diretamente nas relações socioculturais da comunidade da Conceição. O modo de vida tradicional é sepultado e o que se verifica são as grandes extensões de cerca que privatizam o acesso às aguadas e a outros recursos naturais em detrimento das plantações de milho e soja, além da diminuição e quase desaparecimento das matas nativas em prol do objetivo supracitado.

O que se percebe é que através de um discurso homogeneizador de “progresso”, tecnologia e modernidade do migrante gaúcho, a individualidade predominou e sufocou as práticas coletivas e de reciprocidade da comunidade, que após quase 40 anos de desagregação do faxinal ficaram apenas na lembrança de moradores e nos registros fotográficos escassos daquela época.

Por fim, sabe-se que diversos faxinais do estado do Paraná encontram-se em processos de desagregação e muitos outros já estão desagregados, por isso é de suma importância que o pesquisador investigue e compreenda esses mecanismos que resultaram nesses processos que foram responsáveis pelo fim de um modo de vida predominante da região sul do Paraná.

Portanto, com tais investigações, a histórias desses povos podem ser escritas para que tenham suas vozes ouvidas a fim de que outros faxinais possam ter visibilidade e recebam ações políticas e sociais concretas.

### Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. **Fronteiras**. Dourados, v.10, n.17, p. 55-67, 2008.

CAMPIGOTO, José Adilçom; KLEIN, Rejane; PADILHA GALVÃO, Milene Aparecida. Imagens do cotidiano, regiões do vivido e povos tradicionais do sul do Brasil. **Folia Histórica del Nordeste**. Resistencia Chaco: IIGHI - IH- CONICET/UNNE - Nº 25, Abril, p. 35-60, 2016.

CAMPIGOTO, José Adilçom; SOCHODOLAK, Hélio. (Orgs). **Estudos em história cultural na região sul do Paraná**. Guarapuava: Editora da UNICENTRO, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 3ª ed. São Paulo: Editora Vozes, 1998.

CHANG, Man Yu. **Sistema Faxinal - uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro-Sul do Paraná**. Londrina: Fundação Instituto Agrônômico do Paraná/Boletim Técnico 22 do IAPAR, 1988.

CRUZ, Valter do Carmo. Territorialidades, identidades e lutas sociais na Amazônia. In: ARAÚJO, Frederico Guilherme Bandeira de; HAESBERT, Rogério. **Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro: Access, 2007.

FAVERO, Claudenir. Paisagens camponesas em transformação. **Agriculturas**, v. 11, n. 3, outubro de 2014. Disponível em: [http://aspta.org.br/wpcontent/uploads/2014/12/Agriculturas\\_V11N3\\_EditorConvidado.pdf](http://aspta.org.br/wpcontent/uploads/2014/12/Agriculturas_V11N3_EditorConvidado.pdf). Acesso em 16 nov. 2017.

FLORIANI, Nicolás. **Saberes e práticas de territórios Agroecológicos**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2011.

GOUBERT, Pierre. História local. **História & Perspectivas**, Uberlândia, n. 6, p. 51-52, jan/jun, 1992.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios a multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

LANGARO, Sonia Vanessa. **História, Fotografias e Paisagens: o impacto da chegada do “moderno” em comunidades faxinalenses de Rebouças –PR (1960 – 2017)**. Dissertação (Mestrado em História e Regiões) Programa de Pós-Graduação em História, UNICENTRO, Irati –PR, 2017.

MARQUES, Cláudio. Levantamento preliminar sobre o sistema Faxinal no Estado do Paraná. **Relatório Técnico do Instituto Ambiental do Paraná**. Guarapuava, 2004.

MAUAD, Ana Maria. Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996.

NERONE, Maria Magdalena. **Terras de plantar, terras de criar – Sistema Faxinal: Rebouças – 1950-1997**. Assis, 2000. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual Paulista.

SCHORNER, Ancelmo; CAMPIGOTO, José Adilçom. Migrantes no faxinal e migrações de faxinalenses: territórios e povos tradicionais. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 18, n. 25, ago. 2011, p. 53-72.

SILVA, V. A. C. Regionalismo: o enfoque metodológico e a concepção histórica. In: SILVA, V. A. C; TEIXEIRA, Raquel Oliveira Santos. **A 'rua' e o 'nosso lugar':** processos de reterritorialização no licenciamento da usina hidrelétrica de Murta. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.